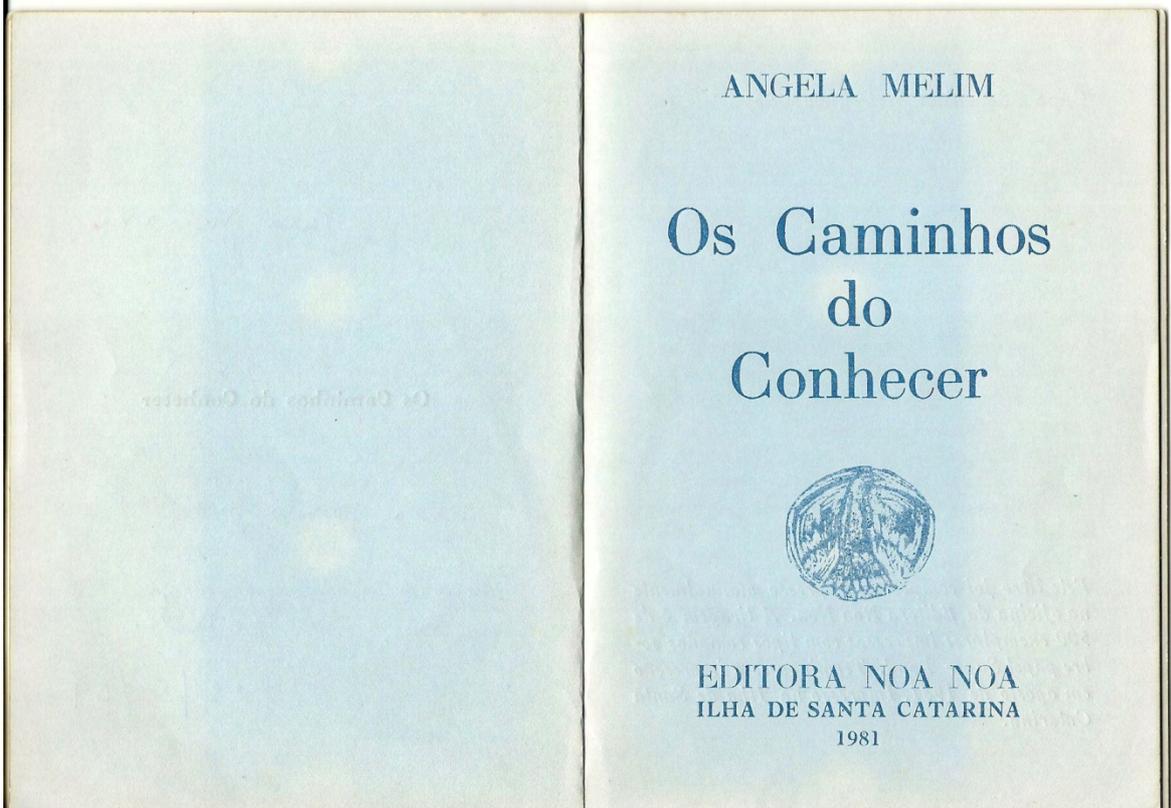
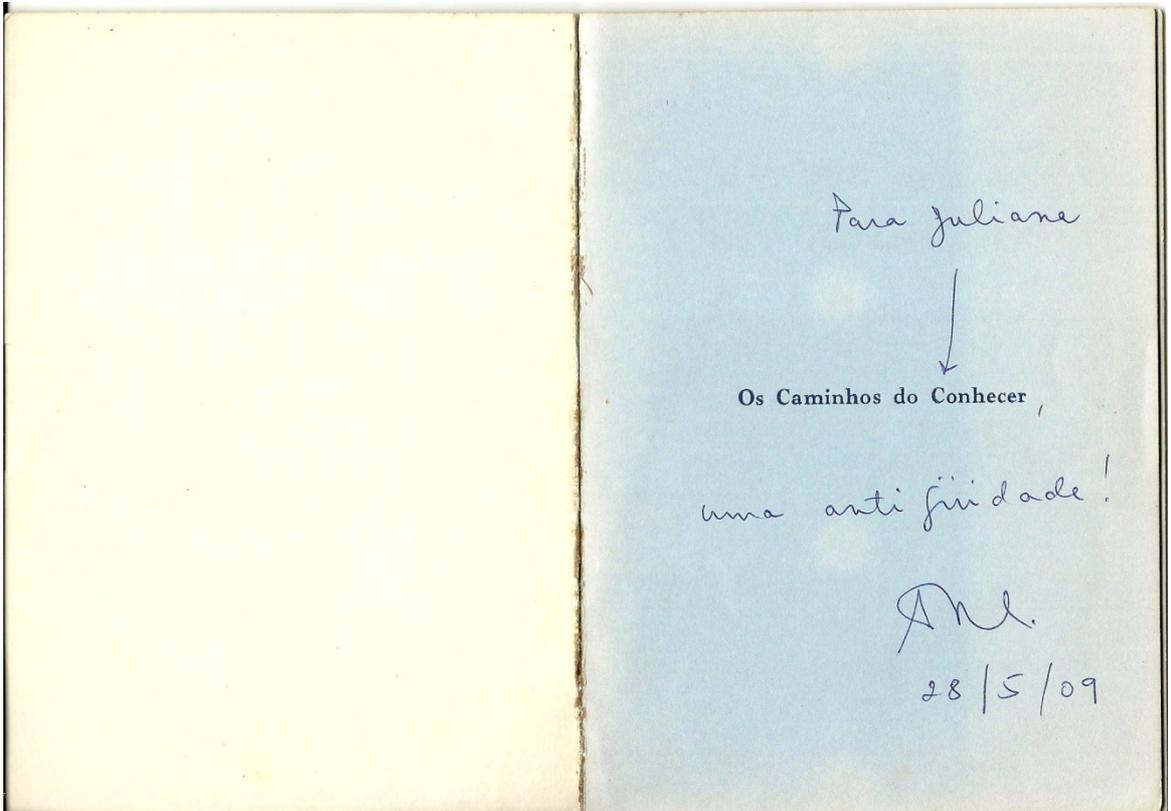


ANEXO A - Os caminhos do conhecer



Capa e desenho: *Nelson Augusto*

*Este livro foi composto e impresso manualmente na oficina da Editora Noa Noa. A tiragem é de 500 exemplares impressos com tipos romanos sobre papel Super Bond. Terminou-se a impressão em agosto de 1981. Impresso na Ilha de Santa Catarina.*

L. M. se viu dentro do carro, no meio do trânsito da Lagoa, indo na direção do túnel Rebouças. Então não tinha abandonado o carro, como pensava, de portas abertas, no meio da rua. Tinha sido um sonho talvez. Desses sonhos de engarrafamento. Na verdade, lá estava, suando, a roupa grudada no banco de plástico, um milhão de buzinas soando, que os ouvidos já tinham incorporado e os nervos certamente assimilavam como parte necessária de seu habitat natural, ao qual não era o caso de reagir.

Engatou a primeira e avançou alguns metros. Pela janela não entrava vento nenhum, mas só a cidade mais bonita do mundo: as linhas de água brilhante e as

2

montanhas azuis um tanto esfumadas, e aquela confusão de formas retas, quadradas e brancas, que eram as casas e os edifícios, entre elas.

Em cima da sua cabeça a lata do automóvel fervia e acima dela o céu estava azul claro, embora não estivesse limpo. Era um azul acinzentado, ou melhor, esbranquiçado, ralo. O trânsito andou mais uma vez, agora por mais tempo. Uns três ou quatro carros entraram à esquerda, no posto, e abriu-se um pequeno espaço à sua frente. Nesse momento, atravessou às pressas uma preta, empurrando um carrinho de bebê. Depois de esperar uns minutos na ilha calçada entre uma pista de asfalto e outra, ela se despencou, aflita, para o outro lado ainda, à beira da água. O bebê, com sua plácida cara gorda e branca dormia tão calmamente que poderia estar num berçário refrigerado, acolchoado de sussuros e pintado de verde pálido. Quando se viu no caminho de terra que mar-

3

geia a lagoa, a babá suspendeu a aba do carrinho e pôs-se a caminhar tranqüilamente, arrastando um pé depois do outro.

Naquela faixa estreitíssima de terra cabia outro universo. Um mundo de lazer, esportivo, cromado: umas meninas queimadas de sol passavam, lentamente, montadas em suas bicicletas prateadas; ia a passo descansado um senhor de bermuda levando na coleira um weimaraner tratado, de língua de fora; havia um grupo de patinadores – movimentos curtos de listas coloridas; no fundo, dois barcos de velas amarelas escorregavam. Tudo isso no mesmo ritmo e peso do calor.

L. M. colou de novo na traseira do Volkswagen da frente. ZW 4455, ZW 4455, ZW 4455, ficou repetindo mentalmente, como se fosse uma informação preciosa, que não podia esquecer. A fila da direita desenrolava devagar as rodas. Dava pra medir pelas circunferências os pedaços de chão

que se ganhava. Devagar, devagar. Dos tetos daquele mar de carrocerias se desprendiam correntes de vapor, que subiam brilhando. Veio vindo um borrão misturado ao vapor, ia ficando mais nítido, transformou-se num guri sem camisa que abanou o Globo na cara de L. M., perturbando a ordem das correntes brilhantes em ascensão.

Outras manchas circulavam agitando folhas de jornais enquanto L. M. colocava o seu no banco ao lado, num movimento que começou lento e terminou inesperadamente rápido, para ligar a chave, que era a sua vez de avançar, e incluiu ainda uma leitura de relance de uma manchete qualquer sobre assassínio na metade inferior da primeira página.

Não é difícil matar um árabe nessas condições, pensou, já na subida do viaduto sobre a avenida do Humaitá. O carro parou ali, inclinado, e se podia ver lá embaixo o tráfego pesado de muitos caminhões e ônibus empoeirados e, porisso, de uma cor

só, incerta, apenas mostrando de vez em quando uns números grandes, bem desenhados. Quando abria o sinal embaixo, se ouvia um arranque geral, ensurdecedor, bilhões de dentes e grades rangendo, rolando para se encontrar e colocar alguma coisa em movimento. Mas como o trânsito lá também estava parado, essa arrancada acabava em alarme falso, logo em seguida reduzida em decibéis: ficavam só os roncões abafados, em uníssono, uma respiração regular, apesar de impaciente e contida.

Distraída e desajeitadamente, pela falta de espaço e para não investir muito em um ato que logo teria de interromper, L. M. folheou o jornal registrando umas fotos de desabrigados das enchentes e, da seção de cartas, o negrito dos nomes dos remetentes - Darcy Cardoso, Leonam P. de Matos - umas letras mais gordinhas do que as outras. Num gesto casual, mas com uma certa expectativa remota, levantou os olhos para ver se o trânsito andava, e só teve

tempo de dar a partida, pois os carros imediatamente à frente já se moviam. Lá estava a boca cavernosa do túnel, sugerindo refrigerio. L. M. esperava com paciência a hora do prazer, sentindo, com a aproximação vagarosa, a delícia da pedra fria. Quem sabe se passaram dez minutos inúteis nessa espera, posto que ali dentro da terra era tão quente quanto fora. Os ventiladores holandeses voavam como aviões e a rocha pingava água, mas sem trazer alívio. O ar abafado e úmido se misturava ainda à gasolina queimada, engrossando os ruídos, ainda intensos, mas surdos.

O pensamento de L. M. mergulhou nas poças do chão - a água, misturada com óleo, devia estar desconfortavelmente morna - e, de súbito, tomou a decisão que vinha adiando, já há algum tempo, difícil de se medir. Ia sim, ia até lá.

Ia hoje, ou melhor, agora mesmo.

Iria, rodando ligeiro sobre a ponte, altíssimo acima do mar, porém em segurança; acima das duas cidades na bruma começando a acender as suas luzes.

Planícies costeiras, luzes tênues e sons provocantes.

À noite esfria e nos sentamos na calçada, no escuro. “Os astrônomos do espaço profundo interessam-se em ir mais longe, alcançando as outras galáxias.” É bom ouvir as vozes dentro das casas e o barulho do mar, mais longe. É a preparação da hora de dormir. As vozes vão deixando de conversar aos poucos. De vez em quando volta uma que parece mais alta, como se fosse sinal de que vão desaparecer muitas mais. Até que se ouve com toda clareza alguém passar assobiando no fim da rua.

“... profundamente infeliz” – e fumar demais (“eu também sinto às vezes, aliás

mamãe também, nos pés, nas mãos, os pulsos ficam que parece que têm uma luvinha de ferro...”).

De manhã o cheiro de café vem tomando a casa e eu sorrio. Deito na esteira, no quintal, ouvindo o vento fresco. Vem passando o jato. Abro os braços também. O céu, quando entra em mim. Gilda mexendo com panela. Fez bolo pras amigas, está esperando esfriar pra cortar em quadradrões. O rádio ligado lá dentro – a voz do Nelson Gonçalves é triste, lembra uma casa pintada de laranja, ou de verde, sozinha, vista de longe, no meio do mato.

Elas não sabem se vão ver Sheila, a mulher gorila, ou se vão ao cinema, onde está passando Laranja Mecânica. Dona Armandina perguntou: laranja? Cruz credo.

Dona Armandina se preocupa porque fico na cama. Não acredita que me dê felicidade deitar no lençol passado a ferro.

Fica repetindo: que coisa! essa criatura enfiada no quarto olhando pro tempo! Vai com elas pra rua, come uma pizza, toma um sorvete, aproveita a vida!

Não via nada além das luzes dos freios de muitos automóveis, pontos, pontinhos inseguros vermelhos ou amarelos. Pela primeira vez em muito tempo pôde engatar a segunda e rodar. Saiu de um túnel, atravessou, de cara franzida, um clarão, entrou em outro. Aí estacou e retomou a marcha lenta. De onde poderia essa pessoa – Darcy, era mesmo Darcy? – ter tirado tanta delicadeza? Atrás buzinavam com fúria, à frente, a fila se distanciava. Mais que depressa... supunha que morasse numa cidade pequena (uma cidade de praia, de vento, chão de areia) uma vida solitária, e então tivesse escrito ao jornal – que coisa espantosa – (para se chegar lá, estradas de pó, ressequidas, a folhagem dos lados coberta da terra, se confundindo com...) uma carta humilde, querendo compartilhar – deu a

partida – seus sentimentos mais delicados.

Talvez aquele desejo fosse irrealizável. Que desejo era? Coisas irrequietas que se misturavam. Às vezes, era levantar cedo e tomar café numa xícara desenhada, olhando de alguma janela uma luz tênue, em total paz, um dia crescente de promessas adiante. Olhar dessa janela, por exemplo, dunas de areia. Dunas compridas, virginiais, com tufos de capim fininho e verde claro. Que nada as interrompesse, nenhuma casa inacabada, tijolo à mostra, nenhum canteiro de obra de grandes empreendimentos, nenhum outdoor, nenhum sinal luminoso. Ou seguir aquelas plantas duras que crescem na beira da praia, que se prendem à areia por uns cabelinhos mínimos e de repente dão, em oferenda, umas florinhas lilás.

Muita nostalgia, raridade, um sofrimento à toa. Porque não ver a beleza assim: um edifício muito mais alto que a serra do Mar, circular, todo aceso, à noite? O neon